Edilane Oliveira da Silva SME-UNIRIO

[Oliveiraedilane62@gmail.com](mailto:Oliveiraedilane62@gmail.com)

Adrianne Ogêda Guedes – UNIRIO

Adrianne.ogeda@gmail.com

**Por uma Educação Encantada: criando FRESTAS em políticas formativas de desencanto**

Resumo:

O presente resumo objetiva apresentar uma pesquisa de doutorado em fase inicial, vivida na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que busca ampliar as lentes e escutas de corpo inteiro para a Formação de Professoras/es atuantes na Educação Infantil Pública municipal do Rio de Janeiro. A intenção é propor uma Educação encantada, por meio de processos formativos que estesiem as/os docentes fissurando as políticas de desencanto que insistem em adentrar as escolas e que potencializam o adoecimento docente. Para isso, a proposta é promover formações - cursos de extensão - que tenham como princípios a escuta e vivências estético-artistas para que por meio da pesquisa Narrativa e da conversa possamos sentirpensar as reverberações que emergem.

**Palavras-chave: Formação docente. Pesquisa Narrativa. Educação Infantil. Educação encantada.**

Vivemos em uma sociedade excludente, que foi se constituindo arraigada em práticas que visam o apagamento e o aniquilamento das pluralidades, em detrimento de uma política perversa de adestramento, impositiva de modos únicos de viver, pensar, agir e construir conhecimento, que acabam por nos tornar, sobretudo, consumidores. Nesse sentido, convidamos Simas e Rufino (2020) para um diálogo que nos convoca a romper com a lógica de desencanto que esta sociedade produz, ao se alimentar, justamente, do aniquilamento da diversidade e do “[...] extermínio e a subalternização secular de princípios comunitários [...] das formas de desvitalizar, desperdiçar, interromper, desviar, subordinar, silenciar, desmantelar [...]” (Simas; Rufino, 2020, p. 11). São princípios que desmobilizam coletivos, que negam diferenças, que destituem tessituras de solidariedade e convivências sadias na e com a pluralidade. Portanto, aqui, buscamos nos reencantar, fissurando, transpondo as grandes metanarrativas, borrando os contornos, burlando e transgredindo o estabelecido, pronto e acabado, entendendo “[...] o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: armação da vida, em suma, [...] como uma gira política e poética que fala sobre outros modos [...] de existir e de praticar o saber [...]” (Simas; Rufino, 2020, p. 6).

Coadunando os conceitos partilhados acima, apresentamos neste resumo uma pesquisa de doutorado em fase inicial, vivida na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que busca ampliar as lentes e escutas de corpo inteiro para a Formação de Professoras/es atuantes na Educação Infantil Pública municipal do Rio de Janeiro. A intenção é propor uma Educação encarnada, encantada, por meio de processos formação que estesiem as/os docentes, tendo a arte, a educação estética, o sonho, a esperança e o amor como princípios inegociáveis, fundamentais e urgentes. Estes são princípios inegociáveis também na pesquisa, pois queremos abrir espaço para partilhas e escutas plurais, ao intencionarmos ouvir as vozes (Skliar, 2019) que bradam por escuta, construindo juntas/juntos formações que tenham o encantamento como cerne. Encantamento que integra, inclui, dialoga, cria, invenciona, reconecta e constrói modos outros de existir e praticar os saberes, de forma solidária e coletiva.

 Uma de nós autoras é professora de Educação Infantil (PEI) do município do Rio de Janeiro há quinze anos e integra há dez grupo de pesquisa que compomos, tendo vivido todos os processos formadores em instituições públicas. As crianças, os espaços formativos que frequentamos e as investigações urdidas no grupo de pesquisa, fazem com que busquemos ampliar a escuta para as narrativas de professoras/es, que estão nas escolas. Esse é um desejo que nos acompanha desde 2014, após vivenciarmos um curso de extensão (2013), uma como coordenadora e outra como aluna, curso este, que provocava estranhamentos ao que se apresentava como corriqueiro; possibilitando o questionamento de práticas, a ampliação dos sentidos para as sutilezas do cotidiano, por meio da oportunidade de ressignificar os modos de fazer e vivenciar espaços-tempos outros. Era uma imersão em propostas teórico-vivenciais, que chegavam por meio das múltiplas linguagens artísticas. Ali, fomos tocadas em nossas integralidades! O que abriu interesse para escutarmos/narrarmos/investigarmos processos de formação criados/vivenciados coletivamente, por meio do Grupo de pesquisa Formação e ressignificação do educador, saberes, trocas arte e sentidos - FRESTAS - criado a partir do já referido curso.

Ao longo dos anos, especialmente na pandemia e nos anos seguintes, temos percebido em nossos trabalhos, nos ciclos jornadas pedagógicas e outros espaços de partilha como grupos de aplicativos que fazemos parte, um aumento significativo de professoras/professores afastadas/os por motivos de saúde, mas que parece “[...] , ir muito além do campo saúde, deixando traços também no cenário educativo” (Scrinzi; Zelmanovich, 2020, p. 250), despertando nosso interesse em abordar esta temática pelo viés da formação de educadores/as.

Percebemos que o desencanto com a profissão se apresenta por meio de muitas camadas complexas, e nossos primeiros estudos  a respeito do tema, apontam que alguns fatores têm potencializado o adoecimento das/dos docentes, como: a desvalorização da profissão, a quantidade de alunos em sala, a cobrança desenfreada sem escuta, as más condições de trabalho e o papel que a sociedade tem imputado  a escola  hoje, especialmente, as/os professoras/es com exigências que vão  além de suas funções docentes. Compreendemos que a Educação deve ser vivida em rede, onde Família, Escola e Estado possuem obrigações distintas, mas que juntas têm o dever de garantir uma Educação respeitosa, acolhedora, solidária, afetiva de qualidade. No entanto, quando um dos pilares não cumpre o seu dever, há um descompasso, e assim sendo, acontece a sobrecarga, e a escola tem sido uma estufa. Diante disso, queremos escutar as/ os docentes que sentem na pele o superaquecimento oriundo deste “efeito estufa” que toma a escola, provocado quando em descompasso.

A este respeito, Nóvoa (2009, p. 30) afirma que a formação precisa ser entregue de volta às/aos professoras/es, compreendendo que os processos formativos “só fazem sentido se forem construídos dentro da profissão”. Em consonância, acreditamos que vivenciar formações que primem pela construção de narrativas e conhecimentos docentes, colocando suas experiências e práticas como centro, compondo espaços formativos que dialoguem com as questões cotidianas e o saber da experiência (Larrosa, 2014), geram modos outros de/para formar. Modos que vão além das formatações e receitas, apostando na ampliação de repertório por meio de vivências estético-artísticas, escutas sensíveis e narrativas plurais. Assim, visibilizando as narrativas que emergem da profissão, abrimos frestas “[...] para que a experiência dos sujeitos seja contada e interpretada, possibilitando que àqueles que têm acesso a ela possam também refletir sobre a sua própria trajetória à luz da trajetória do outro” (Guedes, 2008, p. 56).

Diante disso, entendemos que uma educação (do) sensível e encantada não é só fundamental, mas urgente à formação docente; assim como a horizontalidade nas relações, de modo que a educação seja também democrática e igualitária (Freire, 1967; hooks, 2017), ampliando nossos sentidos para que nos tornamos “[...] atentos e sensíveis aos acontecimentos em volta, tomando melhor consciência deles e, em decorrência, dotando-nos de maior oportunidade e capacidade para sobre eles refletirmos” (Duarte Jr., 2000, p. 191). Assim, a conversa com as/os docentes é a escolha metodológica mais coerente com as concepções de ciência-pesquisa-formação que apostamos para urdir o campo de estudos-ação da pesquisa, de modo a “pensar com elas, escutá-las, pensar a partir delas, com toda a imprevisibilidade, incomensurabilidade, inventividade que a pesquisa pode revelar” (Ribeiro; Souza; Sampaio; 2018, p. 169), visibilizando a polifonia de vozes existentes.

    Assim, em diálogo com o apresentado, nos sentimos  convocadas a caminhar pelas vias da Pesquisa Narrativa, por meio das “histórias vividas e contadas”  (Connelly; Clandinin, 2015, p. 51), com vistas a produzir um texto singular, no qual teoria e prática estejam entrelaçadas, buscando a integralidade docente, construindo, assim, uma pesquisa encarnada e encantada, tendo nas histórias narradas o foco de estudo e nos  afastando da ideia de que a memória profissional seja “[...] reduzida, através do racionalismo técnico, a um conjunto de regras formuladas que devem estar escritas em um livro” (Connelly; Clandinin, 2015, p. 69).

Portanto, pretendemos realizar Rodas de Conversa com as/os docentes egressas/os dos Cursos de Extensão realizados na UNIRIO, entre 2015 e 2018, a fim de escutar suas narrativas sobre vida e docência após a realização da formação, buscando perceber os impactos e reverberações propiciados – ou não – por ela. E, a partir delas e com elas, propor dois cursos de extensão: um no segundo semestre de 2024 e outro em 2025, para profissionais da Rede municipal do Rio de Janeiro, de modo a, também na ausculta das narrativas, acolher o que emerge a partir das reflexões acerca de suas práticas, percebendo se e como é possível (re)significá-las e (re)encantá-las, esperançando (Freire, 1998), mobilizando sonhos, provocando estesias, e, apostamos assim, contribuir de alguma forma com a produção de estados de vitalidade que possam reduzir o adoecimento docente. Sabemos que se trata de uma questão multifatorial, não temos a pretensão de alterar com as proposições formacionais que faremos um estado de coisas que é mais amplo e complexo, que se remete as condições de trabalho, aos desafios dos tempos atuais, dentre outras questões. Mas acreditamos que trafegando no possível, é possível produzir deslocamentos. Neste caminhar, pretendemos em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro, fazer um mapeamento via formulário que será enviado às Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) buscando compreender como está a saúde das/dos professoras/es (citar aqui que já temos autorização etc.).

Nesse caminho, Freire (1998; 2022) e Simas e Rufino (2019) nos encorajam a compor e sustentar uma pesquisa que tem a esperança, o sonho e o encantamento como pilares para vivenciar uma educação que borre os contornos do estabelecido, que busque outros caminhos para além do conhecido, que ouse enveredar e se abrir a outros modos de experienciar a pesquisa, a vida, e a formação docente; pois, “pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (Freire, 2004, p. 29). Para isso, é fundamental a criação e o fortalecimento de Redes.

**REFERÊNCIAS:**

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa:** **experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos:** **a educação (do) sensível**. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**.6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

GUEDES, Adrianne Ogêda. **Uma mestra da palavra**: **ética, memória, poética e (com) paixão na obra de Celia Linhares**. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Educação, 2008.

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir:** **educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista** **de Educación**, n. 350, p. 205-218. Ministerio de Educación, Cultura y deporte español, 2009.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmem Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa:** **Por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SCRINZI. Cristiana; Mariana; ZELMANOVICH, Perla. Um lugar ético para o adulto na relação com crianças e adolescentes: Bernfeld e o para além da patologização. **Tempo psicanalítico**. v.52, n.2, jul./dez., p. 243-257, 2020

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.